

SESSION 2020

CAPES CONCOURS EXTERNE

**SECTION LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES :
PORTUGAIS**

COMPOSITION EN PORTUGAIS

Durée : 5 heures

L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.

Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.

NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier.

INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 1	2 9 2 0

Axe : Territoire et mémoire

À partir de l'axe indiqué, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

Documento 1

Passámos vinte e sete meses juntos nos cus de Judas, vinte e sete meses de angústia e de morte juntos nos cus de Judas, nas areias do Leste, nas picadas dos quiocos e nos girassóis do Cassanje, comemos a mesma saudade, a mesma merda, o mesmo medo, e separámo-nos em cinco minutos, um aperto de mão, uma palmada nas costas, um vago abraço, e eis que as pessoas desaparecem, vergadas ao peso da bagagem, pela porta de armas, evaporadas no redemoinho civil da cidade.

Fardado, com um saco cheio de livros ao ombro e outro de roupa na mão, Lisboa ergue perante mim a sua opacidade de cenário intransponível, subitamente vertical, lisa, hostil, sem que nenhuma janela abra, diante dos meus olhos sequiosos de repouso, côncavos favoráveis de ninho. O trânsito ronda majestosamente na Rotunda da Encarnação, numa indiferença puramente mecânica que me exclui, os rostos na rua deslizam ao lado do meu num alheamento absoluto, em que qualquer coisa da inércia geométrica dos cadáveres se insinua. A minha filha de olhos verdes deve com certeza considerar-me um estranho indesejável, deitando ao lado da mãe o estreito corpo supérfluo. A vida dos meus amigos, que se programou sem mim na minha ausência, acomodar-se-á a custo a este ressucitar de Lázaro desnortado, que reaprende penosamente o uso dos objectos e dos sons. Habitara-me demais ao silêncio e à solidão de Angola, e afigurava-se-me inimaginável que o capim não rompesse do alcatrão das avenidas os seus longos dedos verdes acerados pelas primeiras chuvas. Não existia nenhuma máquina de costura ferrugenta e avariada na casa dos meus pais, e o soba do Chiúme não me esperava na sala, a fitar, para lá da estante envidraçada dos livros, a vastidão, húmida de sapos e de lodo, da chana. Idêntico a uma criança quando nasce, contemplava, com órbitas redondas de surpresa, os semáforos, os cinemas, o contorno desequilibrado das praças, as melancólicas esplanadas dos cafés, e tudo se diria possuir, ao meu redor, uma carga de mistério que eu seria sempre incapaz de elucidar. De forma que encolhi a cabeça entre os ombros e curvei as omoplatas como as pessoas sem gabardine perante uma chuva inesperada, oferecendo o mínimo possível do meu corpo a um país que não entendia já, e embarafustei pelo janeiro da cidade.

LOBO ANTUNES, António, *Os cus de Judas*, Lisboa, Dom Quixote, 1983.

Documento 2

Percebia também que ninguém falava em guerra com seriedade. O que havia ao Norte era uma revolta e a resposta que se dava era uma contra-revolta. Ou menos do que isso – o que havia era banditismo, e a repressão do banditismo chamava-se contra-subversão. Não guerra. Por isso mesmo, cada operação se chamava uma guerra, cada acção dessa operação era outra guerra, e do mesmo modo se entendia, em terra livre, o posto médico, a manutenção, a gerência duma messe, como várias guerras. As próprias mulheres ficavam com sua guerra, que era a gravidez, a amamentação, algum pequeno emprego pelas horas da fresca. Uma loja de indiano e de chinês era uma guerra. “Como vai aqui a sua guerra?” – já tinha o noivo perguntado a um paquistanês que vendia pilhas eléctricas de mistura com galochas e canela. A meio do passeio que se fazia pelo porto, Forza Leal ainda disse – “Aqui a Helena é muito caseira. A sua mulher, ó Luís, é que lhe pode ir lá ajudar a passar a guerra...” A desvalorização da palavra correspondia a uma atitude mental extremamente sábia e de intenso disfarce. Porque um navio enorme, naquela tarde da Marisqueira, estava engolindo uma fila interminável de soldados verdes, que partiam em direcção ao Norte, e que desacostou do cais sem um gemido, sem um apito, e se fez ao largo com a serenidade dum pedaço de gelo que se desprende e vai, foi o Luís quem disse – “Lá vão eles para a nossa guerra!” Aí, ainda eu pensei que a palavra pudesse ter sido momentaneamente sustida no seu sentido inicial, uma vez que os soldados não tinham ninguém que se despedisse deles naquele cais aberto cheio de madeira lingada, e no entanto, muitos tinham tirado lenços brancos e acenavam ao porto e à terra que deixavam. Viam-se os braços dos soldados verdes acenando. Alguns tinham tirado os barretes castanhos e também acenavam com eles, enquanto o navio largava sem sussurro, dava uma volta e começava a diminuir intensamente. Os lenços cada vez mais pequenos acenando, desfraldados diante de ninguém e de nada, lembravam-me a partida de todas as vidas desprendendo-se do seu último cais, sem hipótese de regresso, a caminho do absurdo do fim. Não era aquele um sentimento de guerra?

JORGE, Lúcia, *A Costa dos Murmúrios*, Lisboa, Dom Quixote, 1988.

Documento 3

Avancemos então por aí fora. Um livro é como uma estrada, muitas são as curvas, ora avança ora recua, ora vai dar a nenhures, que é talvez onde agora estou. Na terra de ninguém, ou aquela que fica junto à fronteira e que sempre tanto me fascinou, *Talvera*, diz-se em provençal, a língua, como a italiana, da poesia. *Talvera*, junto à raia, terra de ninguém. Ou a terra de ninguém da guerra, a clássica e a moderna, uma pequena clareira perto de Quipedro, eles do lado de lá, no meio da floresta, nós do lado de cá, por detrás de jipes, unimogues e GMC. Veja-se onde um livro nos leva, da palavra nenhures à palavra *Talvera*, e desta que não é propriamente a de ninguém da guerra de trincheiras, mas a do perigo e da morte, a uma clareira no meio do mato, entre Nambuanguongo e Quipedro, em Angola, tenho vinte e seis anos, o miúdo que pregava pregos numa tábuca está agora deitado de espingarda na mão, não tem espelho onde se mire, veste uma farda camuflada, não sei se o rosto será o mesmo, nem o rosto nem o resto. As balas assobiam, batem na chapa das viaturas, haverá sempre uma bala a assobiar, na prosa e no verso, na escrita e na vida. Uma bala assobia pelo livro dentro, fura o caderno que trago na mochila, enche de terra e sangue uma antologia do Eugénio de Andrade que levo para ler à noite em Quipedro onde, neste momento, não sei sequer se chegarei. Quem chega é o Zé Pedro, vamos chamar-lhe assim, companheiro de pelotão em Mafra, veio de Zala para me desenrascar, cigarro ao canto da boca, Isto só vai à bazucada, diz ele, que sabe do que fala e nem sequer gosta da guerra, já estava contra antes de partir, o problema é que não há como escolher, caímos na emboscada, agora temos de nos safar.

– Faz tiro a tiro – diz Zé Pedro –, tens boa pontaria, assim bates melhor o terreno, eu vou mandar-lhes uma bazucada.

Mas antes que o faça, as balas deixam de bater nas chapas, já não passam por cima de nós a assobiar.

– Piraram-se – diz o que veio de Zala para me ajudar. – Vamos esperar mais um bocado, pelo sim pelo não enfio-lhes à mesma uma bazucada, o barulho assusta-os.

– Assustados estamos todos – respondo eu.

– Pois é, mas antes os gajos do que nós.

E zás.

Pode ser que se tenham assustado com o disparo, mas quem tem os ouvidos a chiar sou eu.

Quarenta e seis anos depois, é essa a chiadeira que sinto dentro dos meus ouvidos, um zumbido que parecia de cigarras no Verão e, agora, por causa da escrita e do som metálico da bazuca, se transforma neste estrondo de guerra diante da página que é uma clareira no meio do mato entre Nambuanguongo e Quipedro.

ALEGRE, Manuel, *O miúdo que pregava pregos numa tábuca*, Lisboa, Dom Quixote, 2010.